

## **Primeiro**

D. João V está casado com D. Maria Ana Josefa há mais de dois anos, mas ela ainda não engravidou (p. 11).

A rainha reza novenas e, duas vezes por semana, recebe o rei em seus aposentos.

É preciso dizer aqui que o rei, quando ambos se casaram, dormia com ela todos os dias, mas resolveu separar os aposentos por causa de um cobertor de penas de ganso que ela trouxe da Áustria, e, com o passar do tempo, somando-se a ele humores de ambos, passou a ter cheiro insuportável (p. 15).

O rei não fez ainda 22 anos e monta, para se distrair e porque gosta, a réplica da Basílica de S. Pedro.

D. João dirige-se para os aposentos da rainha mas o narrador informa-nos que chegou ao castelo D. Nuno da Cunha, bispo inquisidor, e traz consigo um franciscano velho. Afirma o bispo que o frei António de São José assegurou que se o rei se dignasse a construir um convento em Mafra, teria descendência (p. 14).

Enquanto isso, a rainha conversa com a marquesa de Unhão, rezam e proferem nomes de santos. Saído o bispo e o frei, o rei anuncia-se (p. 15).

D. Maria tem que "*guardar o choco*", a conselho dos médicos e murmura orações, pedindo ao menos um filho que seja. Sonha com o infante D. Francisco, seu cunhado, e dorme em paz (p. 17).

D. João também sonhará esta noite com os seus descendentes, com o filho que poderá advir da promessa da construção do convento de Mafra. Um convento, conforme disse frei António de S. José, só para franciscanos (p. 18).

## **Segundo**

Aqui, o narrador fala sobre determinados milagres ocorridos em Lisboa (p. 19) e enfatiza que Lisboa é terra de ladrões. Um caso narrado é o de ladrões que foram roubar a igreja de S. Francisco. O narrador faz-nos desconfiar que um estudante, apesar de querer ser padre, fora o autor do furto e que, arrependido, deixara lá as lâmpadas, posto não ter coragem de restituí-las pessoalmente.

Voltaram as lâmpadas a S. Francisco de Xabregas... O narrador faz-nos de novo desconfiar de que o frei, através do confessor de D. Maria Ana, tinha sabido da gravidez da rainha bem antes do rei (p. 26): D. Maria Ana foi usada para que os franciscanos obtivessem a construção do Convento em Mafra.

## **Terceiro**

Em Lisboa, há quem morra por comer muito e não falta quem morra por comer pouco. A cidade é uma pocilga, imunda, cheia de lixo, gatos e cães abandonados, atapetada de excrementos. Foi-se o Entrudo (festas pagãs assemelhadas ao Carnaval), ocasião em que as pessoas comeram sem parar, e inicia-se a Quaresma, tempo de martirizar o corpo físico:

Os homens vão à procissão e as mulheres ficam à janela.

Enquanto o povo se diverte (!) com tal procissão, o narrador faz digressões sobre os adúlteros e infiéis, sobretudo adúlteras e disso está excluída a rainha que está grávida (p. 31).

Depois de rezar, D. Maria Ana, acompanhada das damas, começa a adormecer. Sonha com o sudário

e quando adormece profundamente aparece-lhe o cunhado Francisco, montado em um cavalo enfeitado, voltando da caça (p. 32).

### **Quarto**

Com desparelhadas vestes, sem a mão esquerda, Baltasar não se dobrara: mandara fazer um gancho e um espigão, que leva no alforge: em dados momentos, sente que ainda tem a mão e, por isso, se sente mais livre e feliz. (p. 37).

A caminho de Lisboa, passa por Pegões e ali matará um homem. De barco, terminou o percurso e chegou a Lisboa, finalmente. O cais imundo, com seus cheiros, aguça os sentidos de Baltasar e torce-lhe o estômago, mas ele tem esperanças de que o indenizem pela mão perdida. De longe, vê o palácio de D. João V e vendo passar as pessoas, dá-lhe uma enorme saudade da guerra. Andou por bairros e praças e, por fim, à tarde, foi beber um caldo à portaria do convento de São Francisco.

Conhece João Elvas, soldado como ele, um pouco mais velho. Ambos pobres, perdidos por Lisboa, procuram um lugar para dormir: dormiram entre homens, uns temendo os outros, contando casos de assassinatos e mortes.

### **Quinto**

D. Maria Ana está de luto pela morte do irmão José, Imperador da Áustria, que morreu de varíola. Apesar de grávida de cinco meses, sangraram-na três vezes e deixaram-na tão debilitada a ponto de estar abatida.

O palácio também está triste, o rei declarou luto oficial; mas a cidade está alegre (p. 50) pois hoje vai

haver um auto-de-fé. O rei janta na Inquisição com os irmãos, os infantes, mas a rainha, pelo motivo exposto, não participa da festa. Abunda a comida, o rei é sóbrio e não bebe vinho (p. 51).

Descreve-se a procissão do auto-de-fé e aqui se encontram, pela primeira vez juntas, as três personagens protagonistas deste romance: Baltasar, Blimunda e Bartolomeu de Gusmão. Em casa de Bilmunda, o padre abençoa o casal e sai. De manhã, Blimunda come pão em jejum e jura que nunca olhará Baltasar por dentro.

### **Sexto**

O narrador fala sobre comer pão e de como, em Portugal, não há trigo que baste ao perpétuo apetite de pão dos portugueses. Corre um boato de que os franceses estão para invadir Portugal, mas chega, na verdade, uma frota francesa trazendo bacalhau, o que andava em falta. Baltasar imagina como se sentem os soldados que esperavam pela batalha, sente saudades da guerra, mas imagina que se para lá fosse teria muitas saudades de Blimunda, de quem ainda não consegue decifrar a cor dos olhos.

Apresenta-se "O Voador": o padre está dividido entre a fé e a ciência. Protegido do rei, intercede a favor de Baltasar para lhe obter uma pensão de guerra. Bartolomeu de Gusmão, brasileiro que veio estudar para Portugal e que, pela sua genialidade e inteligência, ficou de todos conhecido e admirado. É a chacota da corte. Incompreendido, teme o Santo Ofício, por isso tem amigos que o defendam e é cheio de precauções.

Baltasar pergunta-lhe acerca do mistério de Blimunda mas Bartolomeu não lhe revela o mistério e convida Baltasar a construir a sua "passarola".

## **Sétimo**

O padre arranjou emprego para Baltasar, enquanto não pode, por falta de dinheiro, continuar a construir a passarola. Sete-Sóis trabalha num açougue do Terreiro do Paço, transportando peças de carne às costas. Podem, então, ele e Blimunda, comer melhor, com o que ganha de resto. D. Maria Ana está no fim da gravidez, bojuda "como uma nau da Índia". Holandeses invadem Pernambuco, naus trazem carregamento da China, há lutas no Recife, mas nada disso interessa à rainha que *"está flutuando, indiferente, no seu torpor de grávida"*. O narrador anuncia-nos que *"D. João V vai ter de contentar-se com uma menina."*

Baptizaram a princesa, no dia de Nossa Senhora do Ó, sete bispos e *"ficou a chamar-se Maria Xavier Francisca Leonor Bárbara, logo ali com o título de Dona adiante, apesar de tão pequena ainda, está ao colo, baba-se e já é dona (...)"* Do tio e padrinho, D. Francisco, ganhou uma cruz de brilhantes, pouco, perto do que a mãe recebera do cunhado: brincos de diamantes, de alto valor.

Baltasar e Blimunda foram ver a festa, ele mais cansado, de tanto carregar tanta carne para o banquete; Blimunda segura-lhe a mão direita. Frei António morrera pouco antes, sem ter visto o fruto de sua premonição.

## **Oitavo**

A união de Baltasar e Blimunda assenta no amor, na ausência de convenções, ao contrário da do casal real. Estamos no ano de 1712 e Baltasar esconde o pão para descobrir o mistério de Blimunda:

consegue olhar por dentro das pessoas, caso esteja em jejum (p. 76). No dia seguinte, Blimunda indica o lado de dentro das pessoas: uma mulher com uma criança no ventre, mas o bebé tem duas voltas do cordão enrolado no pescoço; vê um peixe gigante, fossilizado, sob o granito, um frade com suas bichas. E indica-lhe um lugar, onde pede que ele cave com o gancho, à procura da moeda que ali se encontra. Da tença que pediu ao padre Bartolomeu, nada de notícias ainda; e sabe que o mandarão embora do açougue logo que possam se livrar dele; restará, no entanto, a portaria dos conventos onde se oferecem caldos: é difícil morrer de fome em Lisboa. O infante D. Pedro é nascido e quatro bispos o baptizaram. O rei vai a Mafra escolher o local para o convento prometido.

## **Nono**

Blimunda e Sete-Sóis foram trabalhar na quinta do duque de Aveiro, em S. Sebastião da pedreira, a pedido do padre. Blimunda ajuda Baltasar no seu trabalho e é baptizada Sete-Luas pelo padre que vem por lá a experimentar para aquelas paredes os sermões que compõe. O padre observa que precisa construir ali uma forja para que possam fundir os ferros e decide ir à Holanda buscar o éter indispensável ao voo da passarola. Montou na mula e partiu. Baltasar e Blimunda despedem-se de Lisboa e vão a uma tourada (p.

97); na madrugada seguinte, os dois partem para Mafra (p. 100).

### **Décimo**

Baltasar foi recebido pelo pai e pela mãe, que demonstraram por ele muitas saudades. Contou-lhes a guerra, a mão perdida e apresentou-lhes Blimunda. Tiveram alguma dúvida sobre ela, mas esta contou-lhes a vida, a de sua mãe, negou ser judia e acabou tocando o coração de Marta Maria, a sogra.

A única irmã de Baltasar, Inês Antónia, casara-se com Álvaro Pedreiro e já tinha dois filhos.

Baltasar dispõe-se a arranjar trabalho para si e Blimunda, mas Marta diz que prefere que ela fique, para que possa conhecê-la devagar. Blimunda, ao ver os filhos de Inês, sabe que o mais velho vai morrer de bexigas (varíola) e que só o mais novo sobreviverá.

Em Lisboa, a rainha engravida novamente. D. Pedro morre e o novo infante será rei. Baltasar ajuda o pai no campo. Ainda tenta auxiliar o cunhado na construção da quinta dos viscondes de Vilanova. Todos esperam que se inicie a construção do convento.

Em Lisboa, o rei anda doente e de vez em quando lhe dão confissão e extrema-unção; vai para Azeitão ver se com mezinhas se curam estas melancolias de que sofre. D. Francisco fica em Lisboa, a tramar a sua vida e a do próprio irmão; pela cabeça dele passam pensamentos esquisitos como casar-se com a cunhada. Por sua vez, D. Maria Ana tem sonhos que considera fraquezas. Declaram-se mas as melhoras do rei acabam com os seus sonhos.

Rainha: é devota parideira, casada por procuração, sem amor, para satisfazer interesses políticos (p. 110).

O Rei: o real e infatigável cobridor (p. 112).

### **Décimo primeiro**

O padre Bartolomeu regressa da Holanda. Vai à Quinta de S. Sebastião da Pedreira: três anos inteiros tinham passado e tudo estava abandonado. Depois, parte para Coimbra, não sem antes passar por Mafra, onde vai ver os homens que iniciam o trabalho do Convento.

Procurou Baltasar e Blimunda, informou o pároco que os casara em Lisboa.

Blimunda veio abrir a porta e reconheceu-o pelo vulto, quando desmontava. Beijou-lhe a mão. Marta Maria, que já desconfiava ter uma "nascida" (tumor) no ventre, lamenta nada ter a oferecer ao padre, nem comida — a não ser o galo — nem abrigo para passar a noite.

O padre Bartolomeu dorme na casa do pároco e, pela madrugada, chegam Blimunda e Baltasar. Ela sem comer. Bartolomeu ama-os, eles sabem (p. 123).

O padre pede a Blimunda que o olhe por dentro. Ela vê uma nuvem escura, à altura do estômago. É a vontade, diferente da alma, que fará voar a passarola.

### **Décimo segundo**

O filho mais velho de Inês Antónia e Álvaro Diogo morreu há três meses, de bexigas. Álvaro vai trabalhar na construção do convento; Marta Maria



sofre de dores terríveis no ventre. O convento dará trabalho a muitos homens.

O padre Bartolomeu pede-lhes que sigam para Lisboa. Partiram dois meses depois, porque o rei vinha a Mafra inaugurar a obra do convento. Sete-Sóis e Blimunda conseguiram lugar na igreja (p. 133).

A pedra principal foi benzida (p. 134); foi tanta a pompa que se gastaram nisso duzentos mil cruzados.

Partiram Baltasar e Blimunda para Lisboa, onde esperariam o padre voador.

### **Décimo terceiro**

Em S. Sebastião da Pedreira, Baltasar experimenta os ferros; está tudo perdido. Enquanto o padre não chega, constrói-se a forja, vai a um ferreiro e vê como se faz o fole.

Quando Bartolomeu de Gusmão chegou e viu o fole pronto, peça por peça desenhada e feita por Sete-Sóis, ficou contente (p. 143). Encomendou a Blimunda duas mil vontades dos homens e mulheres que morreriam a fim de que, junto com âmbar e ímanes, pudessem fazer subir a nau que agora construíam: "(...) *mas as vontades são, de tudo, o mais importante, sem elas não nos deixaria subir a terra*"

Trabalham na passarola quase um ano inteiro (p. 145). Descreve-se a procissão do Corpo de Deus. Ênfase para a focalização interna do rei e do bispo (pp. 155-156) que serve de crítica ao que eles representam: o trono e o altar.

### **Décimo quarto**

Passaram-se dez anos desde a ida de Baltasar e Blimunda a SSP (p. 166). O padre Bartolomeu Lourenço volta de Coimbra já doutor em cânones. D. João manda vir da Itália o maestro barroco Doménico Scarlatti, a fim de dar lições de música a sua filha, a infanta D. Maria Bárbara. Maestro e padre tornam-se amigos, comungando as mesmas ideias e sonhos. O padre leva-o a S. Sebastião da Pedreira (p. 166):

O músico compara o casal a Vénus e Vulcano, a deusa da beleza e o feio e desengonçado, o manco Vulcano, filho feito somente por Hera, a quem horrorizou o nascimento de filho tão feio (pp. 168-169).

O músico retira-se mas promete voltar e trazer o cravo, que tocará enquanto Blimunda e Baltasar trabalham.

### **Décimo quinto**

Doménico Sacarlatti traz o seu cravo para a abegoaria.

Há um surto de varíola em Lisboa, oriundo de uma nau vinda do Brasil. O padre pede a Blimunda que vá à cidade e recolha as vontades das pessoas. É assim que ela se põe a recolher tais vontades. Um mês depois, são mais de mil vontades presas no frasco; e quando a epidemia termina, ela tem aprisionadas duas mil vontades. Blimunda cai doente; mas um dia, Scarlatti põe-se a tocar e a saúde de Blimunda volta.

Um dia, Baltasar e Blimunda vão a Lisboa e encontram Bartolomeu doente, amedrontado.

### **Décimo sexto**

Morre o Infante D. Miguel para salvar D. Francisco. Blimunda diz ao padre que o Santo Ofício se aproxima dele e Bartolomeu fica com medo de que o acusem de se ter convertido ao judaísmo, que se entrega a feitiçarias (p. 193). Preparam-se para fugir na passarola (p. 195). Scarlatti, indo visitar a quinta, toca cravo e deita-o depois no poço para apagar vestígios da sua presença (p. 198).

Sobrevoam as obras do convento (p. 201) e as pessoas julgam ter visto passar sobre eles o Espírito Santo. A máquina pousa no Monte Junto; o padre parece ter enlouquecido. Quando ambos dormem, o padre tenta atear fogo à máquina (p. 205), mas Baltasar e Blimunda salvam a passarola. Ao amanhecer, dão pelo desaparecimento de Bartolomeu de Gusmão (p. 206). Fingindo vir de Lisboa, chegam a Mafra.

### **Décimo sétimo**

O pai estava triste pela morte da mãe. Baltasar busca emprego na obra do convento (p. 212). A Mafra, chegam notícias de que Lisboa sofreu um terramoto, de fraca intensidade (p. 220).

Baltasar cuida da passarola. Scarlatti pede ao rei para ir ver a construção do convento e o visconde hospeda-o, apesar de não gostar de música. Comunica ao casal a morte de Bartolomeu (p. 223).

### **Décimo oitavo**

O reino português vai cada vez melhor graças às riquezas das colónias. D. João V pensa no que fazer com tanto dinheiro. Em Mafra, continua a

construção do convento. Tudo é importado; de Portugal só a força bruta (p. 228).

Neste capítulo, o narrador transfere a narrativa para as personagens que contam as suas histórias e expectativas "O meu nome é ..." (p. 233-238)

### **Décimo nono**

Baltasar é promovido e, com a ajuda de João Pequeno, começa a puxar uma junta de bois (p. 240). Há que transportar uma pedra de Pêro Pinheiro (p. 241). Descreve-se o povo anónimo que participa nesta tarefa (p. 242). Descrição da pedra (p. 245). O narrador lembra Arquimedes: "*Dêem-me um ponto de apoio para vocês levantarem o mundo*" (p. 246). É uma epopeia onde morrem homens (p. 259) e animais (p. 260). Continuam as histórias contadas pelos homens. O narrador critica a situação (p. 257).

### **Vigésimo**

Blimunda quer acompanhar Baltasar para aprender o caminho.

Baltasar não quis que Blimunda caminhasse a pé e alugou um burro para a jornada que fariam. Inês Antónia preocupa-se e pergunta para onde vão, mas Baltasar só diz ao pai, que Inês julga prestes a morrer. Conta-lhe o segredo, diz que o Espírito Santo era a passarola do padre, que vão ambos ao Monte Junto, na serra do Barregudo, a cuidar da nave. O pai acredita nele e tranquiliza-o. Chegaram ao monte; tudo está em estado de decomposição. Baltasar trabalhou. Graças à ajuda de Blimunda, a máquina estava como que renovada e voltaram para Mafra. Morreu o pai de Baltasar.

### **Vigésimo primeiro**

D. João V continua mandou chamar o arquitecto de Mafra, um tal João Frederico Ludovice, a fim de lhe pedir que construísse em Portugal uma basílica igual à do Vaticano. O arquitecto concordou, mas achou-o néscio porque a obra exterior poderia ser a mesma, mas teria ele, o rei, que fazer nascer um pintor como Rafael, um Sangallo, um Peruzzi. Inconsolável, rei resolve, então, ampliar o convento de Mafra, para satisfação dos franciscanos, com um novo corpo de construção que abrigue trezentos frades. O rei escreve a Baltasar e João Pequeno, deixando entender que sabia da construção da passarola.

Sabedor de que poderia morrer sem ver o convento inaugurado, D. João V dá uma ordem ao corregedor: buscar e intimar todos os homens de Lisboa, quiçá de Portugal, para que fossem todos trabalhar em Mafra.

Trecho que se parece com a despedida dos parentes, na Praia do Restelo, por ocasião da saída das naus de Vasco da Gama para as Índias (p. 293).

### **Vigésimo segundo**

A Infanta Maria Bárbara casa-se com Fernando da Espanha. O noivo tem dois anos a menos que ela, e nunca será rei, pois é o sexto na linha sucessória.

Doménico Scarlatti toca cravo para uma multidão de ignorantes, por ocasião do casamento da Infanta Dona Maria Bárbara, na fronteira com a Espanha.

### **Vigésimo terceiro**

Neste capítulo, o narrador fala da procissão que levará os santos para serem colocados nos altares do convento de Mafra: S. Francisco, Santa Teresa, Santa Clara, S. Vicente, S. Sebastião e Santa Isabel. Seguem também para Mafra frei Manuel da Cruz e seus noviços, e ali são recebidos em triunfo.

Depois da ceia, quando todos dormem, Baltasar leva Blimunda para ver as estátuas; juntos, vêem a lua nascer enorme, vermelha. Ele anuncia que vai ao Monte Junto na manhã seguinte, ver como está a passarola. Ela pede cuidados, ele responde que ela fique sossegada, que seu dia ainda não chegou.

Quando amanheceu, Blimunda levantou-se e pegou na comida para o farnel do marido que ia ao Monte Junto trabalhar na passarola. Porém, de repente levanta voo.

### **Vigésimo quarto**

Baltasar não voltou para casa, deixando Blimunda preocupada. Vai procurar Baltasar pelos caminhos, tentando desesperadamente encontrá-lo. Chegada a Monte Junto, vê os vestígios do sucedido. No caminho pergunta a um frade dominicano pelo seu homem. À noite, o frade procura para saciar seus instintos mas Blimunda mata-o com o espigão de Baltasar e volta para Mafra, onde espera encontrar Baltasar, em vão.

D. João V faz quarenta e um anos a 22 de Outubro de 1730. Embora as obras não estejam concluídas, inaugurar-se-á nesse dia o convento, pois D. João teme que a morte chegue.

### **Vigésimo quinto**

Durante nove anos, pressentindo que Baltasar estava vivo, Blimunda deambulou à sua procura, passando ora por doida ora por santa. Na sua sétima passagem por Lisboa, no Rossio, decorria um auto-de-fé: dele faziam parte Baltasar e o brasileiro António José da Silva, o Judeu, comediógrafo autor de *“Guerras do Alecrim e da Manjerona”*.

### **Conclusão**

A par da história de um rei sem escrúpulos e franciscanos ardilosos, existe a história magnífica de um amor longe da banalidade servil entre as criaturas. A par, também, dos sonhos de um rei de imortalizar-se por meio de uma obra monumental, um convento gigantesco e arraigado ao chão, está a leveza do sonho de um louco que queria voar numa passarola, de um músico que tocava um cravo magnífico, de um povo pobre e sem trabalho que se submetia a esforços sobre-humanos para erguer as paredes de um monumento nascido da ignomínia dos corações que perderam a razão para viver.

Essa rainha católica com os seus sonhos libidinosos e esse rei pequeno e imbecil, que ambicionava construir uma basílica para constar da História do mundo, ficam na memória pela sua superficialidade e pela sua infelicidade. Mas o soldado maneta e a vidente desgrenhada são os símbolos mais claros da natureza humana: fortes e delicados, sinceros, embora rudes, eles são o que sonhamos: o Bem e a Liberdade, a sabedoria de existir, na ausência de preconceitos.

Guardados para sempre na alma de quem lê o livro, lá estarão eternamente Baltasar e suas "desparelhadas vestes", sua mão esquerda decepada pela guerra; os olhos ora verdes, ora azuis de Blimunda, olhos de "olhar por dentro" as

criaturas, jamais poderão ser esquecidos pelos leitores, não porque vêm por dentro apenas, mas, sobretudo, porque vislumbram um mundo mágico e desconhecido: o mundo que qualquer um de nós quereria ter habitado.